

Título	Bela Natureza Triste	Autor	Rafael Vogt Maia Rosa
Data	2015	Artista	Janaina Tschäpe
Publicação	ROSA, Rafael Vogt Maia. <i>Bela Natureza Triste</i> . Jacarandá, verão [summer], 2015		

Bela Natureza Triste

Estavam trabalhando em um painel com uma massa colorida. Era bastante denso e no entanto maleável. Parecia uma ampla costa, em meio a certas condições atmosféricas em que existe uma tensão entre a experiência gestual e uma alta sensibilidade a alturas e profundidades que converte a visão em um sentido menos envolvente. Ela explica que é terapêutico apenas para tentar transformar quedas traumatizantes em um processo de remodelagem topográfica em uma prática puramente recreacional.

Dali a uma hora as lâmpadas iluminam a maquete com tons foscos rosas e azuis, se é que se pode falar assim. Tudo parecendo mineral e sóbrio ao ponto de encarnar a própria condição de ser um vale, uma montanha, pedras; ser como o padrão real e único do fundo do oceano.

O suco permitia um contato com a energia que emana de cobras iridescentes do Rio Amazonas. Reproduzir clips do comportamento dessas espécies seria insuficiente, reformulando sua aparência para a câmera ou mesmo o olhar intangível dessas espécies entre si. De qualquer modo a quantidade de células metálicas e transparentes que se proliferam a partir de um foco poderia ser redistribuída de forma homogênea naquele medium aquoso. Alguma eletricidade, como para envolver ao corpo -- um modelo de gesso -- uma nova gravitação, liberando assim uma subjetividade mais clara, pela qual sentenças negativas são traduzidas como mais um estímulo dentre outros.

Nem é preciso ir tão longe, mas não tenho certeza se Villa Lobos compôs uma peça pra piano a partir de uma melodia feita do desenho do *skylline* de Nova York. Não era o que queria dizer quando te falei de uma música sinfônica que se inspirou na cultura indígena para compor esse tipo mais triunfante de harmonia. Sintetizadores também, mas muito mais tarde; aí é uma estrutura que parece ter sido cultivada dentro do equipamento, consistente e regular como se fosse manufaturada e que soa assim como uma teia tribal. Não muito. Disse que, dentre outros, havia o risco de se perder e dissolver em uma matéria escura que faz da tonalidade um campo absolutamente desconhecido, em meio ao qual nos não conseguimos suportar..., espiritualmente, permanecer naquele estado, tão colado à memória de funções orgânicas mais básicas. "Sentimos que não fomos os únicos a presenciar aquilo, mas os olhos assustados de um invertebrado ainda é sagrado para muitas populações. Seu pulso mantém-se pela pronúncia de sons graves que, repetidos por pouco tempo, o mantém em mutação.

Olha, eu lamento sobretudo agora que, não faz muito tempo, uma pessoa foi morta e filmada sendo morta no Guarujá. Existem casos consideráveis, bem como de indivíduos que começam a manifestar algo mais violento justamente ao ver isso sendo exposto como algo que "não se tinha pensado antes". Eu só te pergunto sobre como contabilizar a expectativa escusa de que se trata de uma espécie de "choque desalienante", na verdade, mais uma coisa criada na frente de um computador. As imagens, dos retratos falados feitos pela polícia se mostraram desastrosas em uma proporção que faz do *bulling* uma categoria que não se pode mais negligenciar nos colégios. Ela foi confundida com outra pessoa que teria, veja bem, que teria supostamente raptado crianças para praticar "magia negra", tal como relatado. Você assiste ao depoimento mais de uma vez e fica a dúvida, na tradução, se é tomado como uma medida

Título	Bela Natureza Triste	Autor	Rafael Vogt Maia Rosa
Data	2015	Artista	Janaina Tschäpe
Publicação	ROSA, Rafael Vogt Maia. <i>Bela Natureza Triste</i> . Jacarandá, verão [summer], 2015		

profilática, a da própria indiferença. Isso jamais será captado, a intencionalidade, a mentalidade do usuário naquele estágio de deterioração extrema de sua percepção do outro.

(...)

Que beleza é sentir a natureza

Ter certeza pra onde vai e de onde vem

Que beleza é vir da pureza...

[narrador] Isso é coisa do passado. Há pouco mais de um ano, Tim Maia deu um susto em seus admiradores. Cortou o cabelo, raspou a barba e aderiu ao Universo em Desencanto. E chegou até a gravar um disco que compôs especialmente para a estranha seita. Hoje, Tim Maia não quer nem lembrar esse tempo. Ele deixou o cabelo e a barba crescerem novamente e se prepara para lançar 2 LPs. Um no Brasil e outro em inglês, nos Estados Unidos, com suas músicas no estilo soul. E não se preocupa quando acusam seu trabalho de ser totalmente distanciado da música popular brasileira.

Tim Maia - Dentro da música popular brasileira, eu me localizo assim como um "bicão", sou "bicão". Dentro da música internacional, eu me acho um dos melhores, ou me acho bem cotável, me acho vendável. Me acho, assim, consciente musicalmente internacionalmente, internacionalmente. Agora, música brasileira eu me acho um "bicão".

Intervier - E por que seria um bicão, e não mais um compositor?

Tim Maia - Porque eu não consegui obter raízes, realmente, sabe porque eu fui para os Estados Unidos quando era garoto, quer dizer que eu já era meio influenciado pela música americana, apesar que hoje em dia, a música se internacionalizou, quer dizer, a música é internacional, a música é um todo, todos entendem uma música só. Essa é uma música a que todo mundo interessa, a música, eu estou dentro dessa música. Eu acho que essa música é que realmente é a música que eu toco, entende? Música brasileira, propriamente dita, eu também toco um pouquinho, mas não toco muito. Toco o que eu posso. Quem pode, pode, quem não pode se sacode. Eu vou me sacudindo.

Meu irmão de cor

Chega de pudor

Pois assim não é possível

Toma o que é seu

Pois foi Deus quem te deu

Bela natureza triste

Foi deixar pra lá

Mas assim não dá

Veja o que aconteceu

Vai bem devagar

Vai bem como és

Título	Bela Natureza Triste	Autor	Rafael Vogt Maia Rosa
Data	2015	Artista	Janaina Tschäpe
Publicação	ROSA, Rafael Vogt Maia. <i>Bela Natureza Triste</i> . Jacarandá, verão [summer], 2015		

*Mas vai bem objetivo
Pegue o que é seu
Viva livre em paz
Pois a sua terra é esta*

*Sei que és do som
Não és de matar
Mas não vais deixar pra lá.¹
(...)*

Haviam comprado um novo set de armas caras, italianas. Ele acompanhava a equipe como homologador de recordes e escrevia para uma sessão de esportes náuticos de uma revista portuguesa. Ela veio a convite do próprio dono do barco. Estava com um maio preto e um roupão levemente desbotado. Limpo, com um cheiro de limpeza e ao mesmo tempo da pureza do algodão. Cheiro de corda desfiada, mas a continua um veludo.

Naquele dia ele, como se diz, colocou a câmera de lado. Um átimo, a cor azul anil da arma e uma ressaca anunciada nos tons das grandes superfícies aquosas, ondas cheias. E ela ficava então como na canção provinciana que dizia no rádio que o céu era como um quarto ou uma cabine, vista através de várias barreiras, vidros, cordas, velas... Isso fazia com que os gestos ali dentro, um amplo ambiente com um bar interno, fossem intensificados. A madeira do balcão e a paisagem a óleo em cima da lareira. Cor de "ovo de macuco", pensa alto, o encontro do mar com o céu acinzentado e carregado pronto pra desabar, lá no fundo.

O dono conhecia aquele ambiente, mesmo que não tenha participado ou se metido. Colocou lá essas fotos que eram por si mesmas pequenos paraísos envolvendo sol, sensualidade e alegria. Todas pb. A possibilidade de sexo livre nas cabines escondidas no corredor espelhado e tudo absolutamente exclusivo, nada que tivesse que ter sido criado senão aquelas pessoas, seu próprio prazer e contentamento.

Começou a mergulhar com os outros, uma primeira laje bem funda, uns trinta metros e, depois, um pouco mais pra debaixo do barco, mais dez, quinze metros de profundidade, viu um vulto. Subiu rápido, respirou bem e começou a descer. A cabeça sempre doeu um pouco, mas você tem que atravessar isso e ir sempre pra outro patamar, o próximo, e seguir até que tudo mude, de repente.

Distinguia um corpo, um animal realmente grande, chegou a ficar com as pernas dormentes ao ver a consistência diferente da pedra de base que não tinha contornos pois se mesclava com o escuro infinito. Simplesmente esticou a arma como se fosse o próprio braço, um pouco mais sinuoso, e atirou sem nenhuma ênfase ou pensamento.

¹ Tim Maia Rodesia Psicodelico <https://www.youtube.com/watch?v=ewzCP3DYrbc>

Título	Bela Natureza Triste	Autor	Rafael Vogt Maia Rosa
Data	2015	Artista	Janaina Tschäpe
Publicação	ROSA, Rafael Vogt Maia. <i>Bela Natureza Triste</i> . Jacarandá, verão [summer], 2015		

Quando o arpão entrou na cabeça houve uma explosão de energia que ele sentiu no neopreme de como um jato ácido... e logo depois um tranco forte demais para que pudesse segurar, mesmo que soubesse antes, exatamente quando aconteceria.

O tempo estava ainda mais fechado, o pessoal no barco, nessas horas, também já tinha bebido muito mais, jogado, existia animosidade. Logo que ele contou que o peixe lhe "roubou" a arma, como aconteceu, viu o momento exato em que o dono ficou sabendo, um ar contrariado e uma expressão de desaprovação breve, torcendo o nariz ao lhe comunicarem ao pé do ouvido. A bronca imaginária e o constrangimento na frente dela gerou um descontrole e logo a decisão de que mergulharia com o aqualung pra tentar encontrar a agulha no palheiro.

Havia aprendido a atirar muito antes porque na família havia essa presença da arma de fogo, fora do âmbito militar. Antes até. Sim, infelizmente, o pai em um assalto na região serrana. Quando sentiu que isso aconteceria, permaneceu parado, ouvindo o som do ar condicionado, a respiração semi-mecanizada e a lembrança dos primeiros versos que decorou na infância: *uma ondina o pescador, ao fundo do mar levou, belezas mil ele viu, muitas coisas aprendeu e quando ao lar regressou...* Ficaria ali, morrendo, "o ar que entra pelas suas narinas e acalma seu pulmão. Queria que soubesse que minha vida mudou, de um dia para o outro. Ter te conhecido e sentido a sua pele molhada naquele dia em que eu pensei ter arpoado um... Acredite, com o tempo passando, as idas ao Monte Carmello, esse lugar abençoado em que que o remo é minha única ocupação, estou realmente conseguindo melhorar. No lugar da pureza e da fé, minha saúde, o último terço que rezo na linha fina dessa minha existência."

Naquele episódio, ele se via escrevendo a história de seu mentor, ao vivo e a cores, aos olhos de outrem. Aquele a quem chamavam de artista, em 1962, era o autor do conto sobre um garoto da elite que volta à mansão onde cresceu, para se vingar da família que a comprou de seu pai falido. A natureza que descrevia nesse trajeto, o magnetismo das pedras e da vegetação em meio a qual o carro que tinha roubado prosseguia para seu antigo destino, sua adolescência, a bebida e o sexo violento. Aquilo avançava em sua vida e dominava-o também ao volante. A ideia do mau agouro é que precisava contornar, sob o preço de fazer desse um testemunho pouco verdadeiro sobre esse trabalho e as forças nele envolvidas, o pesadelo mais denso que nos leva finalmente a um recomeço, uma nova existência nessa mesma. O delírio deveria ajuda-lo a expressar-se naquelas circunstâncias, mas o transformava ao abrir a boca para pronunciar qualquer coisa em uma exceção.

"Nah, deixa isso pra lá, não há necessidade". Será mesmo? Não embarcaram para aquilo e a situação podia piorar. Exatamente o mesmo percurso, quando identifica primeiro a arma flutuando magicamente e, seguindo a corda, o próprio peixe, mais ou menos virado: um cação anjo, realmente muito grande. Subiria ao barco e chamaria o filho do timoneiro, um garoto que sempre o ajudava: "vai lá, está embaixo do barco. A arma está solta, bem mais pra cima. Você consegue alcançar fácil. Pega, solta a corda e vem puxando." As novas fotos, coloridas, uns 60 quilos, duas vezes o tamanho do menino, todo mundo ajudou. O tempo abriu e a partir daquele momento ganhou um aliado pra vida.

Não havia registro de uma única pessoa fazendo qualquer coisa que não fosse artesanal. O equilíbrio teve que surgir a partir de uma descrição desprovida de ansiedade, conversas que não se conseguia ouvir integralmente e que não

Título	Bela Natureza Triste	Autor	Rafael Vogt Maia Rosa
Data	2015	Artista	Janaina Tschäpe
Publicação	ROSA, Rafael Vogt Maia. <i>Bela Natureza Triste</i> . Jacarandá, verão [summer], 2015		

interferiam para mal na convivência. Porque já era um ambiente rígido e precisavam responder da forma contundente. Teria que entender, alguém pra encontrar algum sentido e argumentar as duas coisas, tanto a questão racial, nessa frase aí que é realmente bem indigesta dentro e fora de qualquer contexto, e principalmente..., porque as pessoas sabem que a nuance que faz com que não seja um convite ao ódio está na música, no ritmo, certo? Na tradição do pensamento dele, de todo modo, foi fundo nessa questão de uma poética que era ao mesmo tempo comum e que deveria se constituir às claras. Por comum ele costumava querer se referir a algo público, não no sentido urbano, espacial, mas no sentido de uma prática que se faz sem ocultamento, abertamente na comunidade. No mais, eu não subestimaria a capacidade dele em falar sobre dinheiro e sobre as empresas especializadas na criação de processos customizados, coisa que na época se via como ridícula. Lembrava de um telefonema em que lhe disse que uma sondagem mostrava que grande parte das transações não aconteciam por falta não de confiança, que era algo que não conseguia medir, mas de ressentimento, e que eu devia primeiro entender isso e depois começar a falar em ideologia. Bastaram dez ou mil pessoas cantando hinários num smartphone e atuavam sistematicamente nas deliberações sobre os interesses daqueles que passaram a integrar o grupo em outro ciclo de customização, em outra geração... Alugam o que você quiser, nas regiões mais inóspitas.

Flora Noturna (1959) como qualquer outra tela de Antonio Bandeira, nesse diálogo com Wols, pode ser considerada um precedente um esquema que reúne organismos independentes que parecem ter sido introduzidos vivos no espaço da tela. As dúvidas naquele momento ficaram por conta de um mal-entendido envolvendo guias populares de arte e ciência que retrataram a figura do artista trabalhando a lado de primatas e crianças. E isso vinha associado ao construtivismo latino-americano também porque essas publicações você pegava com as duas mãos e abria em folhas duplas. E a ideia de que não houve força nesse movimento para responder aos anseios de países marcados por uma história de injustiças, morticínio e covardia, deixava ver ambição desmedida dos idealizadores.

A água, o líquido, bem como as plantas, estão presentes em outro sentido ainda, e esse não envolve a mesma ideia de cura ou superação. A pessoa escolhe usar isso porque quer ter o elemento natural próximo, um antídoto para a tendência que nos faz tomar qualquer um desses fenômenos como concebidos apenas para o consumo.

O *medium* não vai realmente mudar sua consistência morfológica, obviamente. É apenas uma maneira que eu encontro pra dizer que na busca por um campo fenomenológico tão amplo, você vai encontrar fatos históricos importantes intransponíveis. Por enquanto, pode conseguir esse mapeamento, prestando atenção à superfície em que se conseguiu combinar escorridos, traços sismográficos sobre essa matriz. Essa é a matéria que se aplica em camadas e que fazem daquela tinta bastante liquefeita um "novo meio" que permite desdobramentos antes mesmo que alguém pense em fixar signos visuais.

Em *Marmaid's Scream* (2004), na mesma realidade submarina em que foi realizado, há um eco daquela figura que ao desaparecer acidentalmente em um passeio de barco, passa a habitar o imaginário dos outros envolvidos na jornada trágica. Isso aconteceu tantas e tantas vezes que virou um tipo de gênero antes da lenda: ausências que se elabora elabora em uma população propriamente litorânea.

Título	Bela Natureza Triste	Autor	Rafael Vogt Maia Rosa
Data	2015	Artista	Janaina Tschäpe
Publicação	ROSA, Rafael Vogt Maia. <i>Bela Natureza Triste</i> . Jacarandá, verão [summer], 2015		

Na obra, a ideia de resistência e desespero significa talvez que sendo ela mesma atuando, a representação que sempre ficava muito aquém da consistência daquela linguagem que capta fatos extremos, das imagens mais cruas que se veiculava, mostra que o trabalho só se desenvolve a partir de um ponto vocal em que o fluxo das palavras que se grita materializa-se numa enxurrada ascendente de bolhas grudadas umas às outras, em meio às quais, a expressão não tem legibilidade fora do contexto imediato de sua produção agônica.

O que aconteceu na Floresta Amazônica, nas praias e nas serras, por todo o país? Em seu livro, podem ser vistos corpos em diversos lugares. Eles não representam ela, é ela mesma morta. Vi outra vez uma série envolvendo crimes em parques, de algum modo, um pouco distantes das cidades. Nenhum rosto, até onde eu me lembro. América do Sul. Você trabalha com as duas mãos, certo? *Fernweh* equivale a "urge to travel", uma espécie de gentileza. Estava falando que é um a prática local, vestir-se de branco é, sim, religioso. Sem cor..., um retrato de um Brasil submerso em um pântano em que mesmo a beleza natural espelhada se mostra opressiva para uma determinada classe de pessoas. Não é realismo, é uma estética de apneia, uma coisa química na própria película como falta de oxigênio. Até as falas são arrastadas... Olhando ao redor novamente, para respirar, pode-se reconhecer a área. Ilha do Breu. Tudo continua imerso em uma névoa ruidosa que está fisicamente próxima, mas existencialmente longe. Não se esqueça que muitas dessas coisas são ainda mais prosaicas e que, além do contorno abissal, ainda se consegue ver feixes de luz, raios de sol, como vocês dizem, em meio à ausência de gravidade. Depois é só você virar aquela bola na sua mesa de ponta cabeça, o mar passa a ser o céu, assim mesmo.